

# As aves dos arredores de Taquara do Mundo Novo, Província do Rio Grande do Sul\*

Por Hans von Berlepsch<sup>1</sup> e Dr. Hermann von Ihering<sup>2</sup>

[Parte I – Introdução e descrição da região de Taquara, por H. v. Ihering]

Os autores, unidos por laços de amizade desde seus tempos de universidade, resolveram aproveitar da forma mais ampla possível a oportunidade oferecida pelo traslado de um deles à Província do Rio Grande do Sul, para estudar mais detalhadamente a ornis<sup>3</sup> da província mais sulina do Império do Brasil, ainda muito pouco conhecida. Tal tarefa haveria de ser gratificante desde o início, já que em parte a Província do Rio Grande pertence ainda a toda extensa região da serra costeira brasileira e ao imenso Planalto do Brasil Central à sua retaguarda, mas em parte já também aos extensos campos baixos no sul e oeste da província, conectando-se aos Pampas do Uruguai e da Argentina.

O Dr. von Ihering viveu por cerca de três anos em Taquara do Mundo Novo<sup>4</sup>, a localidade principal da Colônia Mundo Novo<sup>5</sup>, situada no curso superior do rio dos Sinos, e sobretudo a sua segunda estada nesse lugar, de junho de 1882 a dezembro de 1883, após a renúncia da prática médica antes aí exercida, dedicou-a inteiramente à investigação zoológica da região de seu domicílio. O contato com seu amigo tão bem versado na Ornitologia da América do Sul deu-lhe a garantia que exames dos mais diligentes das espécies coletadas se sucedessem e, assim, uma valiosa contribuição à Ornitologia do Brasil pudesse ser alcançada. Portanto, todo esforço foi feito, em todas as direções, a fim de obter-se para as coleções uma representatividade a mais abrangente possível das aves que vivem na região da Colônia Mundo Novo e suas imediações. Nisso, fomos substancialmente auxiliados por dois professores alemães, os senhores Theodor Bischoff<sup>6</sup>, em Arroio Grande<sup>7</sup>, distante cerca de duas milhas alemãs<sup>8</sup> de Taquara, e Arthur Schwarz<sup>9</sup>, na Colônia Nova Petrópolis<sup>10</sup> (no sub-distrito Linha Pirajá<sup>11</sup>). Impõe-se-nos agradecer aqui, publicamente, a ambos os senhores citados, por seu tão valioso auxílio, e manifestar a esperança de que, doravante, também continuem ativos para o progresso da investigação ornitológica

---

\* “Die Vögel der Umgegend von Taquara do Mundo Novo, Prov. Rio Grande do Sul”, por Hans von Berlepsch e Dr. Hermann von Ihering (sic), artigo originalmente publicado no periódico *Zeitschrift für die gesammte Ornithologie*, Budapest, v. 2, p. 97–184, 1885. Tradução: Walter A. Voss. Notas explicativas: Glayson A. Bencke e W. A. Voss. Junho de 2010. [www.fzb.rs.gov.br/museu/projetos/Berlepsch&Ihering\\_1885\\_taquara1.pdf](http://www.fzb.rs.gov.br/museu/projetos/Berlepsch&Ihering_1885_taquara1.pdf). 16 p.

da província. O senhor Bischoff, em especial, tem apoiado nossos esforços através de peles, restos de aves (cabeça, asa, cauda e perna, secados completamente), esboços coloridos relativos a aves inteiras, aves pequenas conservadas em álcool e diversas comunicações naturalísticas interessantes.

A sinopse aqui apresentada, portanto, bem pode valer antes como um testemunho das aves mais comuns da pequena região estudada, se bem que, naturalmente, não se pode falar em completude, nem mesmo aproximada. Uma tal completude poderia ser antes alcançada para aves de rapina, papagaios, beija-flores, pica-paus, tucanos etc., como também galináceos da mata, pombas e aves aquáticas, porém menos para os trepadores pequenos, papa-formigas e outros Tracheophones<sup>12</sup> habitantes dos espessos da mata, e aves canoras. Apesar de a Ornitologia brasileira já estar tão primorosamente investigada, não deve ser grande o número daqueles trabalhos que se limitam às aves de uma única região restrita, e que apresenta condições essencialmente uniformes. Como uma tal Fauna local, o estudo aqui apresentado provavelmente não irá causar desconforto aos colegas do ramo. Justamente este ponto de vista também foi o que nos levou a restringir este trabalho à ornis de Taquara, se bem que as coleções mais recentes, que o Dr. v. Ihering efetuou em Pedras Brancas<sup>13</sup> no Guaíba, em frente a Porto Alegre, e na cidade de Rio Grande<sup>14</sup>, e nas quais ele encontrou um apoio muito efetivo num coletor muito capaz, o proprietário de cervejaria senhor Ritter<sup>15</sup>, em Pelotas, permitir-nos-iam talvez já muito em breve pensar em uma descrição de toda a ornis do Rio Grande.

Após essas observações introdutórias deixamos seguir primeiramente uma descrição sucinta da região de Taquara e arredores, assim como de suas condições climáticas e de outras condições relevantes etc. para as questões ornitológicas, da pena do Dr. v. Ihering, e encadeamos a essa a discussão específica das aves por H. von Berlepsch, mas na qual também são incluídas diversas comunicações biológicas de v. Ihering.

A pequena localidade de Taquara do Mundo Novo, contando cerca de 500 habitantes, situa-se (conforme Beschoren) sob 29°40' lat.S e 50°47' long.W Gr. É a localidade principal na colônia alemã de Mundo Novo, a qual, contando mais de 3.000 almas, ocupa uma superfície de 2–3 milhas quadradas alemãs<sup>16</sup> e se estende pela margem esquerda do rio Santa Maria<sup>17</sup>, o qual desemboca a cerca de 5 km de distância de Taquara no rio dos Sinos, e do qual, na direção mais próxima, Taquara fica ainda a 3 km de distância. Ao norte de Taquara erguem-se os contrafortes que conduzem às partes altas da Serra do Mar, transmudando no Planalto, onde, porém, deve ser mencionado que, no uso coloquial do termo, o nome serra se estende também ao Planalto como um todo. Assim que, quando informamos, por exemplo, que *Chrysotis pretrei*, *Chrysotis brasiliensis* e *Gyparchus papa*<sup>18</sup> vivem na Serra, está subentendido precisamente o Planalto do Rio Grande.

A descida do Planalto às terras baixas tem, assim, a feição de uma serra marginal larga, terminando em montículos baixos, a Costa da Serra, que está recoberta por uma exuberante mata virgem caracteristicamente brasileira e que, em seu solo fértil, sustenta um grande número de florescentes colônias alemãs, que se estendem a partir de Mundo Novo em direção oeste até além do rio Jacuí superior e,

faunisticamente, representam uma região essencialmente uniforme. As aves por mim coletadas provêm quase todas da Colônia Mundo Novo, que se estende pela margem esquerda do rio Santa Maria, e de forma geral dos arredores de Taquara e da Picada Tocana<sup>19</sup>. Distanciada cerca de duas milhas alemãs de Taquara situa-se a Picada Arroio Grande (também chamada de Solentária), na qual reside o sr. Bischoff e onde também meu filho coletou por algum tempo. Aqui o Planalto decliva íngreme e bruscamente, o qual, então, contendo magníficas regiões coloniais cobertas de mata virgem, estende-se algumas milhas alemãs até a Colônia Nova Petrópolis, situada mais a oeste, e na qual o sr. Schwarz coletava para nós. A distância direta de Taquara a Nova Petrópolis é menor do que aquela até São Leopoldo, que importa cerca de seis milhas alemãs. Se, na verdade, são necessárias duas jornadas de Taquara a Nova Petrópolis, é porque isso se deve tão somente à falta de uma ligação direta. Na avaliação dessas condições topográficas, por conseguinte, deve-se ter cautela ao utilizar a carta de Rio Grande de Lange<sup>20</sup>, que mostra o curso do rio dos Sinos demasiadamente longo, situa Taquara muito longe para leste, Santa Cristina na metade do caminho entre Taquara e São Leopoldo, mas desloca Taquara à beira do rio dos Sinos etc., em suma, sendo totalmente inútil para essas regiões. Por isso saliento aqui essas questões, porque a região de Nova Petrópolis, de fato, situa-se em linha reta a tão pouca distância da Colônia Mundo Novo que, não apenas faunisticamente, mas também geograficamente deve ser incluída numa região única, cuja extensão fica um pouco atrás da de um pequeno principado alemão, assim que, provavelmente, nada há a objetar que as espécies coletadas em Nova Petrópolis também tenham encontrado acolhida em nossa ornis de Taquara. De mais a mais, o senhor Schwarz coletou as mesmíssimas espécies que eu coletei perto de Taquara, ou que Bischoff coletou em Arroio Grande. Apenas as poucas espécies a seguir não encontramos, até agora, ao redor de Taquara, porém são justamente essas aves as mais raras, que somente o acaso oferece.

São essas:

*Chlorophonia viridis* (Vieill.)<sup>21</sup>

*Stelgidopteryx ruficollis* (Vieill.)

*Pyrrhuloxia sula* (Spix)<sup>22</sup>

*Pachyrhamphus polychopterus* (Vieill.)

*Falco deiroleucus* Temm.

Dessas, apenas as últimas quatro são oriundas de Nova Petrópolis, a primeira sendo dos arredores da localidade de São Sebastião<sup>23</sup>, situada perto de Nova Petrópolis.

Via de regra, naturalmente, empenhei-me em apresentar ao sr. von Berlepsch todas as peles ou restos de aves apropriados para identificação. Por conseguinte, são tão somente algumas poucas as espécies que ele não viu, mas que por cuja determinação correta creio poder responder. Essas são:

*Chlorophonia viridis* (Vieill.)

*Euphonia nigricollis* (Vieill.)<sup>24</sup>

*Strix flammea perlata* (Licht.)<sup>25</sup>

*Cathartes aura* (Linn.)

*Cathartes atratus* (Bartr.)<sup>26</sup>

*Micrastur ruficollis* (Vieill.)

*Crypturus tataupa* (Temm.)<sup>27</sup>.

A essas se juntam ainda as seguintes espécies, que também a mim não foram entregues, e para as quais apenas figuras coloridas e anotações do sr. Bischoff estão disponíveis, mas as quais o sr. von Berlepsch pôde identificar como:

*Syrstes sibilator* (Vieill.)

*Melanerpes flavifrons* (Vieill.)

*Trogon aurantius* Spix<sup>28</sup>

*Dromococcyx phasianellus* (Spix)

*Asio mexicanus* (Gmel.)<sup>29</sup>

*Syrnium pulsatrix* (Pr. Wied)<sup>30</sup>

*Micrastur melanoleucus* (Vieill.)<sup>31</sup>.

De outras aves pertencentes à fauna tenho certo conhecimento, mas sem no entanto tê-las obtido, como *Bubo crassirostris* Vieill.<sup>32</sup>, *Hydropsalis psalurus*<sup>33</sup>, um papagaio verde minúsculo, mas que de acordo com Bischoff é muito raro, provavelmente sendo *Psittacula passerina* Linn.<sup>34</sup>, um falcão ainda muito menor que *Tinnunculus sparverius*<sup>35</sup> e que talvez só possa ser referido a um *Gampsonyx*. Talvez o sr. Bischoff ainda possa ter sucesso em obtê-los. Entretanto, quero salientar especialmente que espécies de *Dacnis* e *Coereba* faltam definitivamente, alcançando seu limite meridional provavelmente em Santa Catarina. Não facilmente se nota a ausência dessas aves, notáveis pelo seu colorido magnífico, em vitrinas de aves empalhadas de Sta. Catarina, enquanto nas tantas coleções de aves montadas em vitrinas da Província do Rio Grande nunca as observei.

Um tema de especial interesse para mim foi a observação das alterações que a composição da fauna sofre devido à modificação da região de ocorrência como resultado da progressiva ocupação agrícola. Ainda na primeira metade deste século, toda a Colônia Mundo Novo era região de mata virgem pura. Por volta dos anos quarenta começaram os colonos alemães, na colônia privada fundada por Tristão José Monteiro, a abrir uma brecha na mata densa e a disputar com os índios e “tigres” seus coutos de caça até então incontestes. Machado e fogo desbravavam cada vez mais a mata virgem, roças envolviam os tocos de árvores com pés de milho e feijão, e clareiras amplas ofereciam-se como poteiros ao gado.

De tal atividade humana afastam-se lentamente os animais acostumados à densa mata virgem, e já agora muito raramente é abatido um “tigre” ou “leão”<sup>36</sup>, uma anta e mesmo porcos-do-mato, na região da Colônia Mundo Novo propriamente dita.

Mas outros animais, como macacos, *Nasua*<sup>37</sup>, veados etc., permanecem mais tempo e não se deixam afugentar. Tal como acontece com os mamíferos também acontece com as aves, para as quais os arredores de Taquara, já há mais tempo povoados, representam, sem dúvida, uma região de caça menos propícia do que os arredores de Arroio Grande. São principalmente os *Penelope*, *Crypturus*<sup>38</sup> e *Tinamus* que retrocedem primeiro, mas ao mesmo tempo também numerosos dendrocolaptídeos e formicaríneos etc. e muitas aves de rapina, sobretudo os *Spizaetus*.

Ao mesmo tempo que a agricultura assim avançante faz recuar a vida animal, concede a outras novas regiões de domicílio. Entre as aves, são as habitantes do campo as que seguem o machado dos colonos e que logo se estabelecem ao redor das casas. Eu chamaria esses invasores de fauna de potreiro. Organismos característicos da mesma são, entre outros, principalmente os seguintes: *Cerchneis sparveria*<sup>39</sup>, *Hirundo leucorrhoa*<sup>40</sup>, *Troglodytes furvus*<sup>41</sup>, *Zonotrichia pileata*<sup>42</sup>, *Chrysomitris icterica*<sup>43</sup>, os *Sycalis*<sup>44</sup>, *Molothrus bonariensis*, *Taenioptera nengata*<sup>45</sup>, *Tyrannus melancholicus*, *Milvulus tyrannus*<sup>46</sup>, *Pitangus bolivianus*<sup>47</sup>, *Machetornis rixosa*, *Furnarius rufus*, *Vanellus cayennensis*<sup>48</sup>, *Gallinago frenata*<sup>49</sup>. Somente mais tarde uma outra ave de campo legítima, *Speotyto cunicularia*<sup>50</sup>, associa-se a eles, enquanto as aves campestres maiores, como *Nothura*, *Rhynchotus*, *Rhea* e *Dicholophus*<sup>51</sup>, não os seguem. Apenas *Nothura* parece tender a isso, mas tão somente onde já existem áreas desbravadas maiores, interligadas, como por exemplo nos arredores de Hamburgerberg<sup>52</sup>. As outras anteriormente citadas, porém, já se dão por satisfeitas com clareiras pequenas e diminutas, mas as exigem, porque na mata espessa nunca são encontradas.

A par de potreiros, as capoeiras constituem um elemento particularmente notável, tanto paisagística como naturalisticamente. Sob essa denominação entende-se a mata subarbórea baixa que aí viceja, na verdade em poucos anos, com a exuberância de toda a vegetação, onde plantações abandonadas ou potreiros mal cuidados não foram limpos de vergôntes e arbustos. Assim se forma uma mata brenhosa baixa, composta principalmente de Lauríneas<sup>53</sup> e Mirtáceas, entremeadas por espinheiros e coberta muitas vezes em grandes extensões no solo com aquelas bromélias altas, espinhentas, parecidas com as plantas de ananás, que no Rio Grande são chamadas gravatá. Nessas capoeiras encontram-se amiúde, como também é condicionado pelas condições espaciais, as espécies acima mencionadas, mas não é seu ambiente propício, e assim a fauna de capoeira constitui uma forma muito singular que, a par de *Turdus rufiventris* e *leucomelas*<sup>54</sup> e *Zonotrichia pileata*, é composta principalmente pelas espécies de *Elainia*<sup>55</sup> citadas mais adiante, espécies de *Euscarthmus*<sup>56</sup> e *Serpophaga*, *Platyrrhynchus mystaceus*, *Conopophaga lineata*, *Phylloscartes ventralis*, *Certhiola*<sup>57</sup>, *Parula*, *Spermophila coerulescens*<sup>58</sup> e *Picumnus temminckii*. Como características são acrescentadas ainda principalmente as espécies de *Synallaxis*, que se esgueiram preferencialmente entre as grandes folhas com espinhos nas bordas da bromélia-gravatá, de tal forma que nós sempre as chamamos apenas de “Gravatá-Vögelchen” (passarinhos do gravatá).

Assim, enquanto as condições locais de um distrito são de grande e mesmo decisiva importância para o seu aspecto faunístico, o mesmo não pode ser dito nesse sentido, nem de longe, em relação à influência das estações do ano. Dezembro,

janeiro, fevereiro assinalam o verão, junho, julho, agosto, o inverno, que não é somente a época mais fresca, mas também a mais chuvosa. O final do outono, sobretudo em abril e maio, é a época principal da muda, que, em algumas espécies, também se estende até junho. O inverno é muito ameno, descontados poucos dias com ventos frios de sudoeste ou oeste, mas também esses pouco se fazem sentir em locais protegidos na mata. As condições climáticas, portanto, pouco estariam oferecendo motivo para migrações, para esquivar-se do inverno, e, para as poucas espécies de aves para as quais até agora um deslocamento regular está confirmado, as condições alimentares oferecem, evidentemente, muito mais motivo para a mudança de regiões de domicílio do que, porventura, o clima. Dessa maneira explicar-se-ão, em todo o caso, as grandes bandadas de *Chrysotis pretrei*, que em março ou abril passam nas regiões de Mundo Novo. No início do ano de 1883 apareceram nos distritos de cultivo de arroz, mormente perto de Arroio Grande, inúmeros bandos de *Spermophila superciliaris* Pelz.<sup>59</sup>, que em associação com *Tachyphonus coronatus*<sup>60</sup> e outras aves nativas da região, dos gêneros *Molothrus*, *Chrysomitris* e *Sycalis*, provocaram tão grande dano às plantações de arroz que os colonos logo chegaram a ponderar se para o futuro não deveriam desistir dessa cultura tão extremamente rentável. Após a colheita, procedida em abril, os bandos de *Spermophila superciliaris* desapareceram novamente, aparecendo também no ano seguinte tão pouco como nos anteriores. Portanto, deve ter sido uma razão muito singular que fez invadir em tão grande quantidade esses granívoros citados, de ordinário estranhos à fauna dessa região colonial. Quanto à causa dessa imigração talvez se deva atentar para a circunstância particular de que, justo naquela época, houve uma seca extremamente severa, a qual provocou grandes e sensíveis prejuízos à pecuária, sobretudo nos campos do sul da província, devido à falta de água e alimento. Consequentemente, nisso também secaram as gramíneas e outras plantas forrageiras, das quais *Spermophila superciliaris* normalmente é dependente, e em virtude do que as aves foram obrigadas a procurar outras regiões.

Uma influência semelhante, quanto à alimentação e mudança de local, anualmente repetida, deve exercer a maturação dos frutos de pinhão, no planalto, sobre os papagaios, sobretudo *Chrysotis pretrei*, que os procuram muito avidamente. Depois da temporada de pinhões, as florestas extensas e ralas de *Araucaria brasiliensis* quase não mais irão oferecer outro alimento suficiente, de modo que os papagaios terão de procurar outras regiões. A isso, certamente, devem estar relacionados também os deslocamentos que, de resto, ainda não são esclarecidos quanto ao itinerário e o destino, de *Chrysotis pretrei*, o “papagaio-serrano”.

Aves que sempre deixam os arredores de Taquara no inverno são as andorinhas e *Milvulus tyrannus*. Além desses, *Machetornis rixosa*, *Spermophila coerulescens*, mas sobre as quais já não estou tão seguro. Também *Chrysomitris*, como tantas outras aves, não vi no inverno, se eu puder julgar pela memória; se emigraram ou não se deixaram ver nas proximidades, devido a outras áreas de alimentação, não posso avaliar. Muitas aves, que com certeza não migraram, também não se mostravam por muito tempo nas proximidades da minha residência, até que apareciam com frequência novamente. Cada estação do ano tem seus frutos, bagas

etc. particulares e as aves que deles vivem são influenciadas em sua permanência, mais por suas épocas de maturação do que pelo clima. Sabe-se até mesmo dos índios que, em parte regularmente, encetam pequenas migrações após a maturação de determinados frutos etc. De uma ave sabemos também que ela aparece no inverno e que, depois de terminadas as atividades reprodutivas no verão, retira-se novamente. Trata-se de *Pipile jacutinga*<sup>61</sup>, e aqui se remete ao assinalado na parte específica<sup>62</sup>, referente a essa espécie.

Se, por conseguinte, para algumas das aves mais conspícuas, que, como a última mencionada ou *Milvulus tyrannus*, não se podem subtrair da atenção geral, uma migração regular sem dúvida existe, então, com base nas razões acima mencionadas, a mera constatação negativa é um argumento por demais fraco para que não se possam obter resultados confiáveis sem observações de muitos anos, abrangentes e especialmente focadas nesse ponto. Tenho que confessar que, por essa razão, também fico desconfiado em relação a muitas das declarações de Azara<sup>63</sup> a respeito. Em todo caso, penso que as migrações das aves do Rio Grande se referem mais a uma troca entre regiões mais altas ou montanhosas e as baixadas, de mata e campo etc., do que a grandes e extensas migrações, às quais quaisquer fatos aludem. Em todo caso, porém, essas migrações continuam sendo ainda uma manifestação muito insuficientemente compreendida, principalmente também no que se refere à direção e ao destino da mudança de local. Queiram estas linhas ser um estímulo aos amigos da Ornitologia residentes no Rio Grande para a iniciativa e o registro consciente de observações e experiências a respeito!

Algumas das espécies de aves a seguir mencionadas fazem-se notar ao homem, sobretudo ao agricultor, no sentido benéfico ou prejudicial. Um inimigo maligno para suas plantações de milho tem o agricultor no periquito, *Conurus vittatus*<sup>64</sup>, ao qual muitas espigas caem por vítima. Em relação a eles, tem-se por hábito dobrar o pé de milho maduro com uma batida abaixo da espiga, assim que esta fica dependurada para baixo. Então os periquitos não podem mais ter ação sobre elas e, dessa forma, o colono não precisa apurar com a colheita e sabe que principalmente a provisão para uso próprio está bem guardada sem celeiro. No inverno, muitas aves são atraídas até as residências pelas laranjas maduras. São essas, além de *Turdus rufiventris*, particularmente *Calliste pretiosa*<sup>65</sup>, as espécies de *Tanagra*<sup>66</sup>, *Stephanophorus coeruleus*<sup>67</sup>, *Phoenicothera rubica*<sup>68</sup> e outras mais. As aves domésticas representam um outro ponto de atração dos assentamentos humanos para algumas aves. As galinhas são perseguidas principalmente por *Accipiter pileatus*<sup>69</sup> e as pombas por *Cerchneis sparveria*. Dos últimos, cuja determinação na caça não raro os fazem cegos quanto a tudo no ambiente, um deles certa vez impeliu uma pomba perseguida por ele a entrar na porta da frente de uma casa vizinha e a sair novamente nos fundos. Mas, enquanto a pomba afortunadamente escapou, o falcão acossador colidiu contra a parede branca de um quarto e caiu morto no chão.

Outras aves roubam os ovos e filhotes de espécies mais fracas. Esse costume têm principalmente *Batara cinerea* e as espécies maiores de *Thamnophilus*<sup>70</sup>. Bem por isso os brasileiros os chamam “papa-ovos” (Eierfresser) ou “papa-pinto” (Kükenfresser). Eu mesmo tenho encontrado muitas vezes restos de ovos bicados e

ainda sujos de restos de gema em ninhos de aves menores, mas nunca flagrei no ato o autor. A propósito, salienta-se aqui que também alguns outros animais roubam ovos de aves. Nessa categoria são citadas principalmente as serpentes, que eu mesmo encontrei em ninhos, como, por exemplo, uma vez num de *Synallaxis ruficapilla*. Uma outra vez eu quase seria causador indireto de um acidente, enquanto persuadia escolares a conseguir-me ovos de papagaios. Ao introduzir a mão na cavidade no interior de uma árvore, na qual se encontrava um ninho de *Conurus vittatus*, um rapaz foi mordido por uma serpente, conforme pude averiguar uma *Xenodon*, que estava dependurada na sua mão quando a retirou. O braço já estava inchado quando o rapaz chegou em casa, mas o caso ainda assim terminou bem. Quanto a ovos de papagaios, doravante nem mais pensar! Ainda deve ser assinalado que ovos maiores de aves, sobretudo os de galinhas, são perseguidos pelo grande lagarto, *Tejus teguixin* L.<sup>71</sup>, que alcança o comprimento de até um metro. Esse, porém, não rompe o ovo por mordedura, mas faz nele uma pequena abertura, através da qual tem de esvaziar o conteúdo com a língua. Deve ser mencionado ainda que *Tyrannus melancholicus* e *Pyrranga saira* (?) são nocivos à criação de abelhas.

Em contraste a essas aves nocivas, muitas outras se tornam úteis pelo extermínio de insetos. Principalmente quando os indivíduos sexuais de cupins enxameiam, nos regozijamos delas. Mais ainda me interessava a guerra mortífera que faziam contra as grandes formigas saúva, *Atta cephalotes*<sup>72</sup>, quando essas enxameavam em 5 out. 1883. Essas formigas, como se sabe, causam grandes estragos por removerem as folhas nas plantações, e especificamente essa espécie maior dos “Schlepper” (carregadeiras), cujas fêmeas aladas gigantescas, no peso, muito pouco devem ficar atrás de um “Maikäfer”<sup>73</sup> (besouro-de-maio), é particularmente perigosa, porque seus ninhos são instalados no solo fundo demais para que possam ser encontrados e destruídos. Assim, é então um grande benefício para os colonos o que os tiranídeos e outras aves proporcionam, quando partem tão impetuosamente para o extermínio desses animais alados. Naquele dia encontrei na rua, em toda parte, até ¼–½ hora de distância do local do ninho, cadáveres espalhados da formiga-saúva, mas dos quais sempre faltava o abdome; apenas os machos, que são menores, estavam em sua maioria intactos. Também os animais que caíram nas proximidades de minha residência estavam destituídos do abdome e haviam voado por mais algum tempo sem o mesmo. Nada é mais divertido do que se observarem os tiranídeos de como perseguem aves de rapina, p. ex. *Cerchneis sparveria*. Principalmente *Milvulus tyrannus* é implacável nesse esporte. Mal avista um *Elanoides furcatus*<sup>74</sup>, por quem parece nutrir particular aversão, e inclusive bem alto acima de si sobe junto com outras companheiras e o persegue, bicando constantemente a cabeça da amedrontada ave de rapina em fuga, a qual elas naturalmente expulsam rapidamente de seu território.

Outras aves se fazem úteis por exterminarem serpentes. Conforme Bischoff, isso vale principalmente para *Batara cinerea*. Nisso faz ainda mais *Ardea egretta*<sup>75</sup>, a qual observei muitas vezes com uma serpente no bico. O proprietário desse banhado, no qual a ave pescava, também não permitia que alguém atirasse nessa ave útil.

Excelente presa de caça fornecem as numerosas espécies de galináceos da mata, tanto os “penelopídeos”<sup>76</sup>, com carne forte e escura, como os “cripturos”,

“odontóforos”<sup>77</sup> etc., com carne vítreo-clara descolorida que, ao cozer ou assar, adquire uma coloração branco-amarela pálida muito apetitosa. Bastante boas também são as pombas da mata, enquanto a carne de papagaios e tucanos é seca e rija. Muitas vezes são capturados, sobretudo os galináceos da mata, com laços e também armadilhas. Dessas, é apreciada principalmente a “arrepuca”<sup>78</sup>, uma armação piramidal composta de varas grossas, quer dizer pedaços de galhos, empilhados, cruzados, para cima e na ordem decrescente de seus comprimentos, e que é armada com uso de varinhas finas, de tal maneira que venha a cair, assim que a ave, atraída por grãos de milho espalhados, pisar na peça-gatilho horizontal. Em cativeiro são mantidos, além de *Odontophorus dentatus*<sup>79</sup>, principalmente os *Crypturus*, em particular *C. noctivagus*<sup>80</sup>, que facilmente poderia vir a ser criado como ave doméstica.

É surpreendente para mim o quanto a ornis de Taquara, quer dizer, de todo o Rio Grande, em geral concorda com aquela do Paraguai, talvez até mesmo mais ainda do que com aquela de Sta. Catarina. A continuação de nossos estudos dará clareza a esse respeito, como também, por outro lado, para todos os casos nos quais espécies de Azara não são reconhecíveis com segurança, dará um aceno para a busca de pontos de comparação na fauna correspondente do sul do Brasil. O estudo da fauna do Rio Grande poderia tornar-se de todo significativo para o conhecimento zoogeográfico da América do Sul. Mesmo que de imediato eu ainda tenha de coletar também mais material variado, creio já agora reconhecer indícios de que, no sentido zoogeográfico, a Província do Rio Grande do Sul se divide em duas províncias, das quais uma engloba o norte e nordeste e a outra o sul e oeste, portanto os campos de terras baixas. Na última encontram-se ornitologicamente muitos elementos em comum com a fauna dos países do Prata. Por outro lado, tenho os seguintes fatos importantes a destacar. O limite para as espécies de *Cebus* é formado, tanto para o sul como para o oeste, pelo rio Jacuí; na sua margem direita ainda ocorre *Mycetes*<sup>81</sup>, mas não mais *Cebus*. Porém, nas matas dos montes da Serra dos Tapes<sup>82</sup>, no oeste da Lagoa dos Patos, faltam de todo os macacos, apesar de climaticamente as condições apresentadas serem as mesmas. A esses fatos acompanham outros, sobre os quais mais tarde irei discorrer mais detalhadamente. Mas parece que já agora se está concluindo que o limite da sub-região brasileira, a qual Pelzeln<sup>83</sup> estende até Montevideo, não passa da latitude 30°S, sem, no entanto, correspondê-lo exatamente. O limite se estende desde a costa de Santa Catarina e de Três Forquilhas, na Província do Rio Grande, e, na última, ao longo da Costa da Serra em direção a Mundo Novo e mais além de S. Leopoldo, Taquari, St. Cruz, ao longo do rio Jacuí, até um dos afluentes do rio Uruguai, talvez o rio Ijuí, para então estender-se através de Misiones até o Paraguai e norte da Argentina, da qual Tucumán e outras províncias setentrionais sem dúvida ainda pertencem à sub-região brasileira. Será assunto de estudos continuados determinar esses limites com mais precisão e, com certeza, a continuação de nossos estudos ornitológicos também irá contribuir para isso. Mas já agora estas indicações deveriam bastar para despertar o interesse dos colegas de profissão pelos nossos estudos sobre a fauna do Rio Grande, aqui em especial a sua ornis, da qual ora entregamos a público a de Taquara como primeira parte.

Rio Grande, 13 nov. 1884.

Hermann von Ihering

---

#### NOTAS EXPLICATIVAS

1. Conde Hans von Berlepsch (1860–1916), ornitólogo alemão, uma das mais respeitadas autoridades em aves da Região Neotropical de sua época. Reuniu impressionante coleção ornitológica particular, rica em material brasileiro, que após sua morte foi adquirida pelo *Natur-Museum und Forschungs-Institut Senckenberg*, Frankfurt a. M., Alemanha. PALMER (1928); SICK (1997)
2. Hermann Friedrich Albert von Ihering (1850–1930), médico e naturalista alemão, filho do eminente juriconsulto Rudolph von Ihering. BARRETO (1973–1976); NOMURA (1991)
3. Termo genérico, atualmente em desuso, utilizado na época para designar o conjunto das aves de uma região ou país, tendo, portanto, acepção próxima do que hoje se entende por avifauna. (GAB)
4. Município no vale do rio dos Sinos [hoje denominado apenas Taquara]. A sua área pode ser computada em 1.400 quilômetros quadrados. O território é acidentado e constituído de terras de matas onde se desenvolve a agricultura. Dispõe de bom sistema hidrográfico. O sistema orográfico não apresenta acidentes notáveis, sendo o município localizado entre duas cordilheiras formadas pela bifurcação da cadeia oriental ou marítima. Em 1846 foi iniciada a colonização do município. Conta vários núcleos e linhas coloniais. Em 1890 contava o município 12.543 habitantes; em 1900, 12.712. A cidade, sede de município e de comarca, situa-se à margem esquerda do rio Santa Maria e junto à sua barra no rio dos Sinos. Possui 450 prédios e 3.000 habitantes. FARIA (1914)
5. Em 1846, o comerciante Tristão José Monteiro adquiriu por compra os terrenos situados entre os rios Santa Maria e Tucano, no então município de São Leopoldo, à margem da estrada para Cima da Serra, neles fundando, a 7 de setembro desse ano, a primeira colônia particular da província – a de Mundo Novo. Iniciada a colonização, já em 1850 contava 400 habitantes, número que se elevava em 1854 a 579 colonos e, em 1858, a 710. Primeiramente, colonos nacionais povoaram o local, mais tarde começaram a surgir elementos de origem alemã. PELLANDA (1925); FELIZARDO (s.d.)
6. Nasceu a 3-9-1829, em Bremen, Alemanha. Veio ao Brasil em 1846. Depois de trabalhar no comércio carioca durante dois anos, trasladou-se para o Rio Grande do Sul em fins de 1848, exercendo aqui as atividades de caixeiro em Porto Alegre e São Leopoldo. Depois de 1850 veio à Colônia Mundo Novo, dedicando-se ao magistério primário e abrindo uma escola particular na Picada Solitária, a 20 km de Taquara, a qual dirigiu por 25 anos. Casou em 1854 na Picada Voluntária. Em 1876 passou ao magistério público na Linha Arroio Grande. Além de manter estreito contato com o zoólogo Nehring<sup>84</sup>, na Alemanha, participou substancialmente da exposição alemã,

de outubro de 1881 a fevereiro de 1882, em Porto Alegre, e também, com envio de farto material, da Mostra Sul-Americana, realizada em outubro de 1882, em Berlim. Faleceu a 8-3-1901, em Taquara. BARRETO (1973)

7. (Picada) Arroio Grande, localidade onde residiu T. Bischoff, hoje chamada (Linha) Solitária e situada no município de Igrejinha, a poucos quilômetros a oeste da sede. Divide-se em Solitária Alta e Solitária Baixa. A pequena escola em enxaimel onde Bischoff lecionava (ver nota anterior) ainda existe e situa-se nas coordenadas 29°33'03"S e 50°50'57,5"W, na Solitária Alta. (GAB)

8. Medida de distância equivalente a 7.420,438 m. MEYERS KONVERSATIONS LEXIKON (1888)

9. Arthur Hugo Schwarz, nasceu em 1857, em Kötschenbroda, Saxônia, Alemanha. Veio ao Rio Grande do Sul no início dos anos 1880, estabelecendo-se na Linha Fazenda Nova Palmeira (Nova Petrópolis), onde casou em 1884, trasladando-se mais tarde para Hamburgo Velho, em 1895. Farmacêutico de profissão, também era exímio coletor de aves e borboletas. Seu grande acervo naturalístico foi adquirido pelo Museu Paulista. Faleceu em 5-7-1935, em Hamburgo Velho. BARRETO (1976)

10. Curato no município de Caí [hoje São Sebastião do Caí] e parte de Taquara. Colônia provincial fundada em 7 de setembro de 1858, passou a pertencer ao município de São Leopoldo. Em 1875, com a emancipação de Caí, foi desligada do município anterior, tornando-se distrito deste. A Colônia está situada sobre a margem do rio Caí e de vários de seus tributários, com excelentes terras a um raio de 85 km de Porto Alegre. O território é em geral montanhoso e percorrido por vários contrafortes da Serra Geral. Conta uma área de 35.000 hectares e possui mais de 18 linhas. Em 1866 contava 991 habitantes e, em 1900, 5.669. A sede da colônia acha-se situada na serra entre as linhas Olinda, Pirajá e Povoação. Em 1913, a mesma contava 28 prédios e 168 habitantes. FARIA (1914); FELIZARDO (s.d.)

11. Há duas localidades com o nome de Linha Pirajá em Nova Petrópolis. A Linha Pirajá Baixa (c.29°19'05"S, 51°06'00"W), ou Setentrional, situa-se no quarto distrito, a cerca de 5 km ao norte da sede do município, junto à foz do arroio Pirajá no rio Caí, à margem esquerda deste. Foi colonizada em 1860. A Linha Pirajá Alta (c.29°21'09"S, 51°05'55"W), ou Meridional, está situada logo ao norte da zona urbana de Nova Petrópolis, a cerca de 2,4 km do centro da cidade. Foi colonizada em 1865. Presume-se que o sub-distrito referido por Ihering corresponda a essa última. SEIBT (s/d)

12. Divisão taxonômica aplicada em algumas classificações sistemáticas antigas aos passeriformes com siringe exclusivamente traqueal (Furnarioidea), em oposição aos Haplophoniae (Tyrannoidea), com siringe traqueobronqueal e presença de músculos intrínsecos. O grupo inclui as atuais famílias Thamnophilidae (chocas e papaformigas), Conopophagidae (chupa-dentes), Rhinocryptidae (tapaculos e macuquinhos), Formicariidae (tovacas e pintos-do-mato), Dendrocolaptidae (arapaçus) e Furnariidae (joões-de-barro e afins), além de algumas outras menos expressivas. SIBLEY & AHLQUIST (1990); SICK (1997)

13. Pedras Brancas (hoje Guaíba), povoado, sede de freguesia e distrito, no município de Porto Alegre. Está situado à margem direita do [rio ou lago] Guaíba, a 15 km a sudoeste da Capital. FARIA (1914); ver também IHERING, H. VON (1888), *As aves da Lagoa dos Patos, um estudo zoogeográfico* ([www.fzb.rs.gov.br/museu/projetos/ihering\\_1888\\_aveslagoa.pdf](http://www.fzb.rs.gov.br/museu/projetos/ihering_1888_aveslagoa.pdf))
14. Rio Grande, cidade (porto) importante no sul do Estado, sede de município e de comarca, situada num pequeno promontório, na península Albardão. FARIA (1914); ver também IHERING, H. VON (1888), *As aves da Lagoa dos Patos, um estudo zoogeográfico* ([www.fzb.rs.gov.br/museu/projetos/ihering\\_1888\\_aveslagoa.pdf](http://www.fzb.rs.gov.br/museu/projetos/ihering_1888_aveslagoa.pdf))
15. Carlos Ritter, nascido em 1853, em Linha Nova, então pertencente ao município de São Leopoldo, RS. Sobrinho de Carlos Ritter sen., também colaborador de Ihering. HUNSCHE (1961); BARRETO (1976)
16. Medida de área equivalente a 55,0629 km<sup>2</sup>. MEYERS KONVERSATIONS LEXIKON (1888)
17. Hoje mais conhecido como rio Paranhana.
18. Hoje *Amazona pretrei* (charão), *Amazona brasiliensis* (papagaio-de-cara-roxa) e *Sarcoramphus papa* (urubu-rei), respectivamente.
19. Hoje a localidade de Tucanos, situada próximo à sede do município, e provavelmente, em parte, também o bairro homônimo de Taquara.
20. Provavelmente H. Lange, autor da *Karte von Süd-Brasilien mit Angabe der Eisenbahnen*, de 1891. INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL (2009)
21. Hoje *Chlorophonia cyanea* (bandeirinha).
22. Hoje *Piranga flava saira*, a forma do sanhaço-de-fogo presente no Rio Grande do Sul.
23. Atual São Sebastião do Caí.
24. Hoje *Euphonia cyanocephala* (gaturamo-rei).
25. Hoje *Tyto alba* (coruja-de-igreja).
26. Hoje *Coragyps atratus* (urubu-de-cabeça-preta).
27. Hoje *Crypturellus tataupa* (inambuxintã).
28. Hoje *Trogon surrucura aurantius*, a subespécie setentrional do surucuá-variado, que não ocorre no sul do Brasil. Como advertido pelo próprio Ihering (IHERING 1899a,b), a menção à ocorrência dessa forma nos arredores de Taquara foi um equívoco dos autores.
29. Hoje *Asio clamator* (coruja-orelhuda), tratada por alguns autores no gênero *Rhinoptynx*.
30. Hoje *Pulsatrix perspicillata pulsatrix* ou, para alguns autores, *Pulsatrix pulsatrix* (murucututu).

31. Hoje *Micrastur semitorquatus* (gavião-relógio).
32. Hoje *Bubo virginianus* (jacurutu).
33. Hoje *Hydropsalis torquata* (bacurau-tesoura) e por muito tempo conhecido como *Hydropsalis brasiliiana*.
34. Hoje *Forpus xanthopterygius* (tuim).
35. Hoje *Falco sparverius* (quiriquiri).
36. Nomes pelos quais eram conhecidos, entre os colonos alemães da época, a onça-pintada (*Panthera onca*) e o puma ou leão-baio (*Puma concolor*), respectivamente.
37. Gênero do quati (*Nasua nasua*).
38. Hoje *Crypturellus*, gênero a que pertencem os inambus e jaós.
39. Hoje *Falco sparverius* (quiriquiri).
40. Hoje *Tachycineta leucorrhoa* (andorinha-de-testa-branca).
41. Hoje *Troglodytes musculus* (corruíra), por muito tempo tratada sob *Troglodytes aedon*.
42. Hoje *Zonotrichia capensis* (tico-tico).
43. Hoje *Sporagra magellanica* (pintassilgo) e antes tratado sob os gêneros *Spinus* e *Carduelis*.
44. Hoje *Sicalis*, gênero ao qual pertencem os canários-da-terra e típios.
45. Hoje *Xolmis cinereus* (primavera).
46. A familiar tesourinha, por muitos anos tratada sob o nome científico de *Muscivora tyrannus* e hoje denominada *Tyrannus savana*.
47. Nome pelo qual era designada na época a forma do bem-te-vi, *Pitangus sulphuratus*, presente no Rio Grande do Sul.
48. Nome científico dado à época à forma do quero-quero, *Vanellus chilensis*, presente no Brasil.
49. Hoje *Gallinago paraguayiae* (narceja).
50. Ultimamente tratada como *Athene cunicularia* (coruja-do-campo ou corujaburaqueira).
51. Antigo gênero da seriema, hoje *Cariama cristata*.
52. Povoado aprazível no município de São Leopoldo, sede de freguesia [hoje correspondendo ao bairro Hamburgo Velho, em Novo Hamburgo]. Distante 2 km de Novo Hamburgo, a que se acha ligada por linha de bondes. FARIA (1914)
53. Plantas da família das lauráceas (canelas).
54. Havia uma confusão envolvendo o uso do nome *leucomelas* Vieillot, então ainda não completamente esclarecida. Em consequência, esse nome foi usado por algum tempo – inclusive por Ihering – para designar o sabiá-poca, *Turdus amaurochalinus*

Cabanis. Na enumeração sistemática das espécies, porém, H. von Berlepsch já adota o nome correto para este último (veja a segunda parte deste artigo).

55. Hoje *Elaenia* (guaracavas).

56. Gênero utilizado na época para designar várias espécies hoje alocadas nos gêneros *Poecilotriccus* e *Hemitriccus*. Com toda a certeza, Ihering referiu-se aqui a *Poecilotriccus plumbeiceps* (tororó), antes incluído no gênero *Todirostrum*.

57. Hoje *Coereba*, gênero ao qual pertence a cambacica, *Coereba flaveola*.

58. Hoje *Sporophila caerulescens* (coleirinho).

59. Hoje *Sporophila frontalis* (pixoxó).

60. O tiê-preto (*Tachyphonus coronatus*) não se alimenta ordinariamente de sementes, mas antes de frutos e insetos. É possível que Ihering tenha confundido esse pássaro com alguma espécie granívora de plumagem predominantemente preta, embora, decerto, não com *Molothrus bonariensis* (vira-bosta), citado na mesma passagem.

61. Ultimamente incluído por alguns no gênero *Aburria*.

62. Isto é, na segunda parte da presente tradução, apresentada em separado.

63. Dom Félix de Azara (1742[1746]–1821), oficial de engenharia e capitão de fragata espanhol, foi enviado à América para auxiliar na demarcação das fronteiras entre as possessões espanholas e portuguesas em conformidade com o Tratado de Santo Ildefonso, de 1777. Desembarcou em Montevidéu em 1781 e, em 1784, trasladou-se para Assunção, no Paraguai, que deveria ser o centro de suas atividades. Nunca chegou a desincumbir-se da tarefa para a qual fora comissionado, pelo não comparecimento da comissão lusitana. Em contrapartida, durante sua permanência de cerca de vinte anos no Paraguai e países do Prata, exerceu as atividades de explorador, naturalista, geógrafo, cartógrafo, historiador e etnógrafo, tornando-se célebre por suas descrições e relatos sobre a história natural e o meio físico da região. Publicou os *Apuntamientos para la historia natural de los páxaros del Paraguay y Río de la Plata* (1802–1805), em que descreveu 448 diferentes aves. Afastado dos centros do conhecimento científico da época, atribuiu números e nomes descritivos em espanhol em vez de binômios latinos às espécies que descreveu, as quais foram posteriormente identificadas e propriamente nominadas de acordo com o sistema binário de Lineu por Vieillot, Temminck e Lichtenstein. Azara esteve no Rio Grande do Sul pelo menos quatro vezes, em missão oficial ou em viagens exploratórias. Na última (1800 a 1801), fundou a vila de (São Gabriel do) Batovi, atual São Gabriel. Regressou à Espanha em 1801. SCHULLER (1904); BARRETO (1937); GONZÁLEZ (1943); CARDOZO (1959); HAYES (1995)

64. Hoje *Pyrrhura frontalis* (tiriba-de-testa-vermelha).

65. Hoje *Tangara preciosa* (saíra-preciosa).

66. Gênero sob o qual eram tratados, à época, os representantes do gênero *Thraupis* (sanhaços).

67. Hoje *Stephanophorus diadematus* (sanhaçu-frade).

68. Hoje *Habia rubica* (tiê-do-mato-grosso).
69. Hoje *Accipiter bicolor pileatus*, a forma do gavião-bombachinha-grande presente no Rio Grande do Sul.
70. Ihering referiu-se às espécies atualmente pertencentes ao gênero *Mackenziaena* (brujararas ou borralharas) e antes incluídas em *Thamnophilus*.
71. Hoje *Tupinambis merianae* (lagarto-de-papo-amarelo).
72. Hoje *Atta sexdens*. BORGMEIER (1950)
73. Espécie de besouro muito popular na Europa, da família Scarabaeidae (*Melolontha melolontha*).
74. Hoje *Elanoides forficatus* (gavião-tesoura).
75. Hoje *Ardea alba egretta*, a forma da garça-branca-grande presente no Rio Grande do Sul.
76. Os jacus, cracídeos do gênero *Penelope*.
77. Os urus, galiformes do gênero *Odontophorus*.
78. Corruptela de arapuca.
79. Hoje *Odontophorus capueira* (uru).
80. Hoje *Crypturellus noctivagus* (jaó-do-litoral).
81. Hoje *Alouatta*, gênero dos bugios.
82. A Serra dos Tapes é a mais meridional representante da orografia brasileira e guarda os últimos vestígios da flora da Serra do Mar. A Serra percorre os municípios de São Lourenço, Canguçu e Pelotas, com diversas denominações locais. Está inteiramente colonizada e possui excelentes terras agrícolas. FARIA (1914)
83. August von Pelzeln (1825–1891), ornitólogo e mastozoólogo austríaco, foi por muitos anos curador das coleções de aves e mamíferos do Museu Imperial de Viena (hoje *Naturhistorisches Museum*). Estudou o farto material ornitológico obtido no Brasil por Johann Natterer entre os anos de 1817 e 1835. Em sua obra ornitológica principal, *Zur Ornithologie Brasiliens* (1868–1871), originalmente publicada em quatro volumes, descreveu numerosas espécies até então desconhecidas, tendo por base as coleções de Natterer. PELZELN (1890); NOMURA (2006)
84. Alfred Nehring (1845–1904), mastozoólogo e paleontólogo alemão, foi professor na *Landwirtschaftlichen Hochschule* de Berlim. Descreveu, por exemplo, o tuco-tuco *Ctenomys minutus* Nehring, 1887 a partir de material coletado no Rio Grande do Sul. ÁVILA-PIRES (1987)

#### Bibliografia consultada

- ÁVILA-PIRES, F. D. (1987) Introdução à Mastozoologia do Brasil meridional. *Rev. Bras. Zool.* 4(2):115–128.

- BARRETO, A. (1937) As primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul. In: Congresso de História e Geografia Sul-Riograndense, 2, Porto Alegre. *Anais...* v.1, pp. 111–162.
- BARRETO, A. (1973–1976) *Bibliografia sul-riograndense*. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura.
- BORGMEIER, T. (1950) Estudos sobre *Atta* (Hym. Formicidae). *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* 48:239–263.
- CARDOZO, E. (1959) *Historiografía paraguaya. I – Paraguay indígena, español y jesuíta*. Cidade do México, Comisión de Historia del Instituto Panamericano de Geografía e História (Historiografías, 5).
- FARIA, O. A. (1914) *Dicionário geográfico, histórico e estatístico do Estado do Rio Grande do Sul*. 2 ed. Porto Alegre, Globo.
- FELIZARDO, J. N. (s.d.) *Evolução administrativa do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, IRGA.
- GONZÁLEZ, J. C. (1943) *Don Félix de Azara. Apuntes bio-bibliográficos*. Buenos Aires, Editorial Bajel.
- HAYES, F. E. (1995) *Status, distribution and biogeography of the birds of Paraguay*. New York, American Birding Association (Monographs in Field Ornithology, 1).
- HUNSCH, C. H. (1961) *Ritter/Roth und Kessler*. São Leopoldo, Rotermund.
- IHERING, H. VON (1899a) Critical notes on the zoo-geographical relations of the avifauna of Rio Grande do Sul. *Ibis* 41(3):432–436.
- IHERING, H. VON (1899b) As aves do Estado do Rio Grande do Sul. Pp. 113–154 In: Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para o ano de 1900. Porto Alegre.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL (2009) *Preservação do acervo cartográfico do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. CD-ROM. Porto Alegre, IHGRGS. Disponível em: [www.ihgrgs.org.br/cd\\_mapas\\_rs/CD/CapII.htm](http://www.ihgrgs.org.br/cd_mapas_rs/CD/CapII.htm)
- NOMURA, H. (1991) *Vultos da Zoologia brasileira – I. Mossoró* (Coleção Mossoroense, Série “C”, v. 661).
- NOMURA, H. (2006) Ornitologia brasileira – II. Aves brasileiras descritas no século XIX. *Atualidades Ornitológicas* 132:29.
- PALMER, T. S. (1928) Notes on persons whose names appear in the nomenclature of California birds. *Condor* 30(5):261–307.
- PELLANDA, E. (1925) *A colonização germânica no Rio Grande do Sul, 1824–1924*. Porto Alegre, Globo.
- PELZELN, A. VON (1890) Geschichte der Säugetier- und Vogel-Sammlung des k.-k. naturhistorischen Hofmuseums (Wien). *Ann. k.-k. naturhist. Hofmus.* 5:503–539.
- SCHULLER, R. R. (1904) Prólogo. In: AZARA, F. *Geografía física y esférica de las Provincias del Paraguay, y Misiones Guaraníes*. Montevideo, Museu Nacional de Montevideo (Anales del Museu, Sección Histórico-Filosófica, Tomo I).
- SEIBT, R. U. (s/d) Nova Petrópolis, sua terra e sua gente. Disponível em: [www.rgaserraimoveis.com.br/historico.php](http://www.rgaserraimoveis.com.br/historico.php).
- SIBLEY, C. G. & J. E. AHLQUIST (1990) *Phylogeny and classification of birds. A study in molecular evolution*. New Haven, Yale University Press.
- SICK, H. (1997) *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.